

**A EMERGÊNCIA DO PADRÃO CAUSATIVO [X_{AGENTE} V.COM $Y_{AFETADO}$] E SEUS
EFEITOS PARA A EXPANSÃO DA REDE DE CONSTRUÇÕES TRANSITIVAS DO
PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO**

***THE EMERGENCE OF THE CAUSATIVE PATTERN [X_{AGENT} V.COM $Y_{PATIENT}$]
AND ITS EFFECTS FOR THE EXPANSION OF THE TRANSITIVE CONSTRUCTIONS
NETWORK IN CONTEMPORARY BRAZILIAN PORTUGUESE***

Monclar Guimarães Lopes¹

RESUMO

Este trabalho busca descrever a expansão da *construção transitiva causativa*, uma estrutura complexa, parcialmente esquemática e emergente no português brasileiro, que possibilita o aumento de valência em verbos originalmente inacusativos, conforme atestaram Lopes (2015, 2017) e Lopes e Menezes (2018), a partir de dados diacrônicos dos verbos *acabar*, *desaparecer* e *sumir*. Nesta fase da pesquisa, busca-se investigar a expansão dessa construção a partir de dados sincrônicos de dois outros verbos inacusativos: *cessar* e *explodir*. Nessa análise, propomos o conceito de construcionalidade, que visa ao estudo sincrônico da mudança em perspectiva funcional.

Palavras-chave: Construcionalidade. Mudança de transitividade. Linguística Funcional Centrada no Uso.

ABSTRACT

This paper seeks to describe the expansion of the causative transitive construction, a complex, partially schematic and emergent structure in Brazilian Portuguese, which allows the increase of valence in originally inacusative verbs, according to Lopes (2015, 2017) and Lopes & Menezes (2018), who analyzed diachronic data of the verbs *acabar*, *desaparecer* and *sumir*. At this moment, we investigate the expansion of this construction based on synchronic data of two other verbs: *cessar*

1 Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense.

and *explodir*. In this process, we use the concept of *constructionality*, which aims at the synchronic study of change in functional perspective.

Keywords: Constructionality. Transitivity change. Cognitive-Functional Linguistics.

Considerações iniciais

Em qualquer modelo de representação construcional da gramática (LANGACKER, 2008; GOLDBERG, 1995, 2003; 2006; CROFT, 2001; TRAUGOTT, 2008; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, HILPERT, 2014, entre outros), é consensual a ideia de que, na língua, há somente construções, isto é, pareamentos de forma e significado, que, organizados em uma rede na mente humana, “representam a totalidade de nosso conhecimento linguístico” (GOLDBERG, 2003, p. 219). Esse paradigma, em nosso ponto de vista, traz importantes contribuições para a descrição linguística em perspectiva funcional, dentre as quais destacamos duas: (a) a possibilidade de analisar estruturas de diferentes tamanhos (atômicas, parcialmente complexas e complexas) e graus de especificidade (específica, parcialmente esquemática e esquemática); (b) a ruptura da dicotomia entre léxico e gramática, na medida em que esta passa a ser vista como o conhecimento que temos da língua, em seus diferentes níveis de especificidade e/ou esquematicidade, e não como uma macrocategoria composta por subcategorias e itens de valor exclusivamente procedural². Nesse sentido, sob o ponto de vista da GC (Gramática de Construções), a gramática de uma língua é constituída de uma rede de construções, embora haja algumas cuja função é referencial (lexical) e outras cuja função é procedural (gramatical), como bem descrevem Traugott e Trousdale (2013).

O destaque dos dois aspectos supracitados deve-se, sobretudo, ao nosso objeto de estudo: a emergência de um novo *type* nas construções transitivas, instanciado pelo padrão argumental [X_{agente} V.COM Y_{afetado}]. Trata-se de uma construção complexa (composta por mais de um item) e parcialmente esquemática (na medida em que apenas a preposição *com* é especificada), que passou a compor um novo nó na rede das construções transitivas no português brasileiro contemporâneo. Cabe frisar que afirmamos que a construção representa um **novo nó** na rede (mais especificamente, um caso de construcionalização, isto é, de FORMA_{NOVA}-SENTIDO_{NOVO}) porque tomamos como referência alguns trabalhos anteriores (LOPES, 2015, 2017; LOPES e MENEZES, 2018), nos quais procedemos a um levantamento de frequência das construções argumentais [X_{agente} DESAPARECER.

2 Vale ressaltar que, embora o Funcionalismo Clássico já negue a existência de uma dicotomia rígida entre léxico e gramática, ele não compartilha da mesma visão de gramática que é defendida pela GC (Gramática de Construções), a de que a gramática (constituída exclusivamente por construções) representa todo o conhecimento que temos da língua.

COM Y_{afetado}], [X_{agente} SUMIR.COM Y_{afetado}] e [X_{agente} ACABAR.COM Y_{afetado}] em perspectiva diacrônica, mais especificamente, do século XIV ao XXI. Nessas análises, pudemos constatar, nos *corpora* analisados, em contextos isolados (DIEWALD, 2002), a emergência das duas primeiras construções no século XX e da última no século XVII.

O subesquema [X_{agente} V.COM Y_{afetado}] é constituído pelos seguintes elementos: um sujeito com papel semântico de agente, um verbo originalmente inacusativo (cujo emprego prototípico é o de um verbo intransitivo que seleciona um argumento com papel semântico de paciente³) seguido da preposição *com* (dessemantizada, sem que se recupere seu sentido básico de *associação*) e um objeto com papel semântico afetado. Com o intuito de tornar a descrição mais inteligível, seguem dois exemplos extraídos de dados da *web* e referenciados no *Corpus do Português* com suas respectivas análises:

(1) Para ajudar Aécio, *mídia desaparece com aeroporto dado à sua família*.

<https://www.esmaelmorais.com.br/2014/07/para-ajudar-aecio-midia-desaparece-com-o-aeroporto-dado-a-sua-familia/>

(2) O gerente operacional da Petrobras, Humberto Americano, trabalha embarcado há 24 anos e diz que essa falta é combatida com a convivência amistosa entre os colegas. Ele lembra de um caso em que seus filhos, quando pequenos, chegaram a tramar para que faltasse ao trabalho. “*Meus filhos sumiram com a chave de casa pra eu não sair para trabalhar, eles não queriam que eu fosse embarcar*”, lembra, emocionado.

<http://blog.planalto.gov.br/o-desafio-de-superar-a-saudade-numa-plataforma-de-petroleo/>

Na tradição gramatical, *desaparecer* e *sumir* figuram entre os verbos inacusativos, ou seja, verbos intransitivos que selecionam um único argumento de papel paciente (por exemplo: *minha carteira desapareceu/sumiu*). No entanto, nas ocorrências acima, observamos que esses verbos foram recrutados por uma outra construção, que apresenta dois *slots*: um para um sujeito agente e outro para um objeto afetado. Desse modo, observamos que, em (1), *a mídia (agente) faz o aeroporto (afetado) desaparecer*; em (2), *que meus filhos (agente) fazem a chave da casa (afetado) sumir*. Nessas ocorrências, observamos o emprego da preposição *com*, imediatamente após o verbo. É mister chamar a atenção para o fato de que o item *com*, nessa construção, encontra-se totalmente dessemantizado. Não conseguimos lhe atribuir um valor semântico básico, como *companhia*, *causa* ou *modo*, por

3 Os verbos inacusativos, na verdade, podem preencher o sujeito com dois diferentes papéis temáticos: paciente ou tema. Segundo Cançado (2005), o paciente é uma entidade que sofre efeito de alguma ação, havendo mudança de estado; o tema é uma entidade deslocada por uma ação. Não obstante, restringimos a nossa análise aos sujeitos de papel paciente, pois estes estão diretamente envolvidos na emergência da construção transitiva causativa.

exemplo, como ocorre quando esse elemento introduz adjuntos adverbiais que expressam esses tipos de circunstância. Cabe ressaltar que, em se tratando da construção em análise, a que nomeamos *construção transitiva causativa*, os papéis semânticos atribuídos aos argumentos são análogos aos da construção transitiva prototípica: nesta última, também há um sujeito agente, um objeto afetado e, prototipicamente, um verbo de processo material que denota uma transformação (HALLIDAY, 1985)⁴. Inclusive, na perspectiva tradicional da gramática, cuja preocupação reside quase exclusivamente na descrição das propriedades centrais das categorias da língua, “a transitividade refere-se à transferência de uma atividade de um agente para um paciente” (CUNHA, COSTA e CEZARIO, 2015, p. 28). Nesse sentido, a construção transitiva causativa difere da construção transitiva prototípica apenas no plano da forma, na medida em que apresenta preposição entre verbo e complemento.

Em trabalhos anteriores, analisamos, diacronicamente, a construção transitiva causativa em que o *slot* verbal é preenchido pelas formas originalmente inacusativas *acabar*, *desaparecer* e *sumir*, que podem ser semanticamente classificadas, segundo Halliday (1985), como verbos de processo material de transformação. Neste trabalho, incluímos dois novos verbos de processo material de transformação: *cessar* e *explodir*. A inclusão dessas novas formas verbais nos permitiu atestar a produtividade dessa construção, na medida em que recruta novos verbos. Paralelamente, neste estágio da pesquisa, promovemos uma análise de viés exclusivamente sincrônico. Para esse fim, apoiados em Hopper (1991), para quem o estado sincrônico da língua é um conjunto de diferentes camadas que emergem ao longo do tempo, em Traugott e Trousdale (2013), que descrevem três fatores relevantes para a emergência de construções (esquematicidade, produtividade e composicionalidade), e em Hilpert (2015), que defende o aumento de esquematicidade como fator intrínseco e exclusivo da gramaticalização, Rosário e Lopes (2019) cunham o termo *construcionalidade*, que pode ser definido como “a relação sincrônica estabelecida entre duas construções, de tal sorte que (i) uma construção A e uma construção B apresentam horizontalmente algum grau de parentesco, ou (ii) uma construção X menos esquemática pode ser associada verticalmente a uma ou mais construções de natureza mais esquemática.”.

Este texto se organiza do seguinte modo: na seção 1, tratamos do conceito de construcionalidade com que, recentemente, temos trabalhado empiricamente; na seção 2, apresentamos a análise dos dados e, por fim, fechamos o trabalho com as considerações finais e as referências bibliográficas.

4 Os verbos inacusativos, na verdade, podem preencher o sujeito com dois diferentes papéis temáticos: paciente ou tema. Segundo Cançado (2005), o paciente é uma entidade que sofre efeito de alguma ação, havendo mudança de estado; o tema é uma entidade deslocada por uma ação. Não obstante, restringimos a nossa análise aos sujeitos de papel paciente, pois estes estão diretamente envolvidos na emergência da construção transitiva causativa.

1. Construcionalidade: uma proposta sincrônica para o estudo das relações entre construções e da mudança linguística

Num primeiro momento, precisamos justificar os motivos que nos levaram à proposição de uma nova categoria analítica para o estudo da mudança linguística. Afinal, há modelos construcionistas amplamente adotados no Brasil que já são essencialmente sincrônicos, como a Gramática de Construções Cognitiva (GOLDBERG, 1995, 2006) e a Gramática Radical de Construções (CROFT, 2001), por exemplo. No entanto, vale ressaltar que tais abordagens não foram originalmente pensadas para o estudo da mudança linguística, mas, sim, para a representação do conhecimento linguístico na mente dos falantes. Nesse sentido, muito embora as pesquisas funcionalistas já viessem conciliando a abordagem construcional da gramática para o estudo da mudança linguística, com especial ênfase na gramaticalização de construções, faziam isso por meio da associação de pressupostos do Funcionalismo com alguns outros da Linguística Cognitiva.

Em 2013, motivados pela necessidade de uma abordagem analítica para o estudo da mudança linguística em perspectiva construcional, Traugott e Trousdale elaboraram o modelo da *Construcionalização e das Mudanças Construcionais* (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), que tem sido uma das grandes referências nas pesquisas sobre a mudança linguística desenvolvidas no Brasil em perspectiva cognitivo-funcional. Não obstante, trata-se de uma versão exclusivamente diacrônica, preocupada, sobretudo, em descrever a formação de novos nós na rede de construções, a partir dos mecanismos da neoanálise e da analogização, cuja atuação acarreta o aumento da esquematicidade e da produtividade, bem como redução da composicionalidade da construção.

Como sabemos, inicialmente os estudos funcionalistas acerca da mudança linguística eram também essencialmente diacrônicos, o que é bastante compreensível. Afinal, sendo a gramaticalização o resultado de contínuos reprocessamentos de um item/construção ao longo do tempo (muitas vezes, um grande espaço de tempo), é natural adotar uma metodologia analítica que busque investigar a trajetória dos elementos linguísticos em mudança ao longo do tempo. Posteriormente, elaboraram-se os termos *gramaticalidade* e *gradiência*, em oposição à *gramaticalização* e *gradualidade*, de modo a valorizar os estudos funcionalistas de base sincrônica. Dessa maneira, passa-se a empregar uma categorização distinta para a abordagem histórica (gramaticalização e gradualidade) e outra para a abordagem sincrônica (gramaticalidade e gradiência).

Tendo isso em mente, Rosário e Lopes (2019) sustentam que a elaboração de uma nova categoria analítica para a descrição sincrônica da mudança construcional seja um passo relativamente esperado no percurso da Linguística Funcional Centrada no Uso. Certamente, outros pesquisadores fariam (e,

provavelmente, ainda farão) algumas proposições semelhantes às nossas, com o intuito de descrever a mudança construcional em perspectiva sincrônica.

É exatamente a partir do diálogo entre o modelo da Construcionalização e das Mudanças Construcionais (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013) e os estudos que versam sobre variação, gradiência e gramaticalidade (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2010; ROSENBAACH, 2010; ROSÁRIO e OLIVEIRA, 2016; PIETRANDREA, 2005; entre outros), que Rosário e Lopes (2019) elaboram o termo *construcionalidade*, que pode ser definido como

a relação sincrônica estabelecida entre duas construções, de tal sorte que (i) uma construção A e uma construção B apresentam horizontalmente algum grau de parentesco, ou (ii) uma construção X menos esquemática pode ser associada verticalmente a uma ou mais construções de natureza mais esquemática (ROSÁRIO e LOPES, 2019).

Em termos esquemáticos, o conceito pode ser representado da maneira que segue (Quadro 1):

Quadro 1. Relações e tipos de construcionalidade

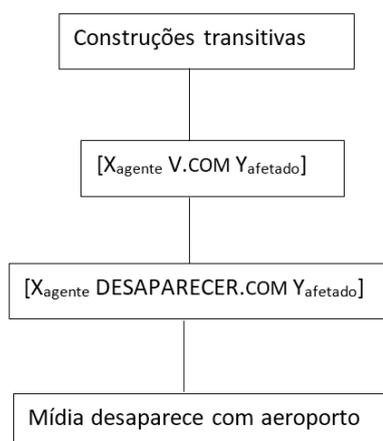
Relações horizontais	Construção A ↔ Construção B				
Relações verticais	Tipo 1	Construção A (mais esquemática) ↓ Construção B (menos esquemática)			
	Tipo 2	Construção B (mais esquemática) ↑ Construção A (menos esquemática)			
	Tipo 3	<table style="width: 100%; border: none;"> <tr> <td style="text-align: center; width: 50%;"> Construção A (mais esquemática) </td> <td style="text-align: center; width: 50%;"> Construção B (mais esquemática) </td> </tr> <tr> <td colspan="2" style="text-align: center;"> ↘ ↙ Construção C (menos esquemática) </td> </tr> </table>	Construção A (mais esquemática)	Construção B (mais esquemática)	↘ ↙ Construção C (menos esquemática)
Construção A (mais esquemática)	Construção B (mais esquemática)				
↘ ↙ Construção C (menos esquemática)					

Fonte: Rosário e Lopes (2019).

Argumentamos que essas relações podem ser medidas a partir dos mesmos fatores de análise da construcionalização, que tomaremos, aqui, como fatores de construcionalidade, a saber: esquematicidade, composicionalidade e produtividade. Sob esse ponto de vista, retomando-se, por exemplo, os subsquemas [X_{agente} DESAPARECER.COM Y_{afetado}], [X_{agente} SUMIR.COM Y_{afetado}] e [X_{agente} ACABAR.COM Y_{afetado}], observamos entre eles a existência de **relações horizontais** (\leftrightarrow), isto é, relações que se apresentam no mesmo nível hierárquico, porque: a) as três construções apresentam o mesmo nível de esquematicidade, sendo parcialmente preenchidas (diferindo entre elas apenas o *slot* do verbo), projetando os mesmos argumentos e apresentando um sentido abstrato de causatividade (X FAZ Y V); b) As construções, comparadas à construção inacusativa, são menos composicionais, na medida em que a preposição apresenta-se mais dessemantizada e vinculada ao verbo. Nesse sentido, vale lembrar que, na pesquisa sincrônica dos dados, não localizamos sequer uma ocorrência da construção transitiva causativa em que o objeto estivesse em outra posição, que não fosse a de posição imediata ao verbo; c) As três construções são nós subordinados de uma mesma construção esquemática [X_{agente} V.COM Y_{afetado}] e realizam-se no discurso, por meio dos constructos, da mesma maneira: preenchendo o sujeito com um termo de papel agente e o objeto com um termo afetado pela ação verbal.

As **relações verticais**, por sua vez, podem ser observadas através da análise dos diferentes níveis de esquematicidade. Sendo assim, levando-se em consideração o **tipo 1** (↓), podemos afirmar que o constructo *mídia desaparece com aeroporto* é uma instanciação da construção transitiva causativa [X_{agente} DESAPARECER.COM Y_{afetado}], que, por seu turno, é um *type* da construção [X_{agente} V.COM Y_{afetado}], que vem a ser um *type* das construções transitivas. Vejamos a representação dessas relações na Figura 1:

Figura 1. Representação esquemática da construção transitiva causativa de desaparecer.



Fonte: elaboração própria.

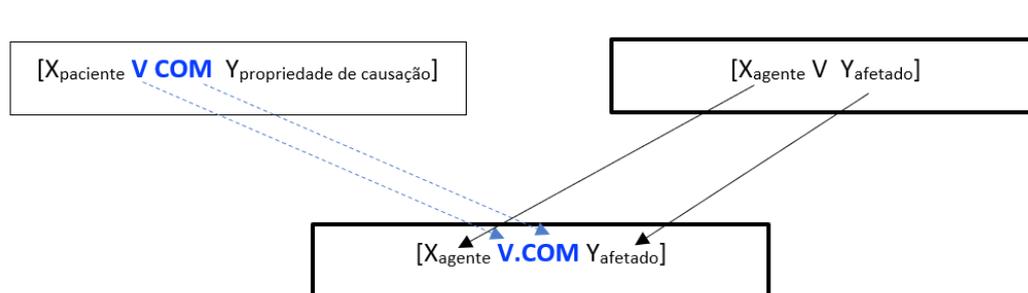
Vale ressaltar que, tanto nas relações horizontais quanto nas relações verticais do tipo 1 exemplificadas acima, temos basicamente uma descrição e representação sincrônica da rede, sem buscar atestar os processos de mudança. Cabe frisar que na relação vertical do tipo 1 (↓), de formação descendente, surgem novos *types* na rede por intermédio da produtividade de uma construção mais esquemática, que passa a recrutar novos elementos. Por sua vez, no tipo 2 (↑), de formação ascendente, um constructo é neoanalisado e, como consequência, formam-se nós hierarquicamente mais esquemáticos na rede.

Tanto as relações verticais do tipo 2 (↑) quanto as relações verticais do tipo 3 (↘↙) são formadas por meio de neoanálise, em que um constructo passa a ser interpretado como a instanciação de uma nova construção mais esquemática. Nesses casos, sustentamos que a mudança pode ser devidamente atestada por meio de dados sincrônicos, desde que as duas construções (tanto a inacusativa quanto a transitiva causativa coexistam em uma mesma sincronia).

Na relação vertical do tipo 2, a seta ascendente visa a ilustrar que a construção mais esquemática B não existia previamente na língua, cuja origem também é resultado do processo de neoanálise. Como sabemos, as construções mais esquemáticas, como os subesquemas e esquemas, não existem aprioristicamente. Desse modo, acreditamos que esse tipo de formação seja um tanto raro na língua, sendo mais frequentes as formações por neoanálise do tipo 3, em que uma construção menos esquemática herda propriedades de duas construções mais esquemáticas.

Por fim, **no tipo 3**, observamos a existência de relações de herança (GOLDBERG, 1995), em que o *mismatch* (a sanção parcial) de um constructo acarreta a instanciação de duas ou mais construções em níveis mais esquemáticos. No caso da construção transitiva causativa, por exemplo, observamos que ela apresenta algumas propriedades formais da construção inacusativa (a manutenção de um verbo originalmente inacusativo e uma preposição que encabeçava um adjunto adverbial) e algumas propriedades semânticas da construção transitiva prototípica (um termo agente como sujeito; um afetado como objeto). Essa relação poderia ser, assim, representada:

Figura 2. Relações de herança da construção transitiva causativa.



Fonte: Rosário e Lopes (2019).

Na Figura 2, Rosário e Lopes (2019) chamam a atenção para a diferença da representação dos traços, assim como para a espessura das caixas. Apesar de a construção transitiva causativa herdar propriedades de duas construções mais esquemáticas, ela tornou-se uma ocorrência da construção transitiva [X_{agente} V Y_{afetado}]. Por isso, os autores optaram pela representação contínua e tracejada das linhas. Esta última indica uma ligação mais esmaecida entre a construção transitiva causativa e a inacusativa.

Como afirmamos previamente, esse tipo de análise, feita a partir de dados sincrônicos, só é possível quando há coexistência das duas construções em uma mesma sincronia. Sob essa ótica, para estabelecer quando há uma relação de uma construção com outras de níveis mais esquemáticos, devemos observar as propriedades da forma e do significado (CROFT, 2001). Ademais, em se tratando de mudança que seja resultado de uma mudança por construcionalização gramatical (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013) ou de gramaticalização (HILPERT, 2015), podemos distinguir a construção fonte da construção nova a partir dos fatores da esquematicidade e da composicionalidade. As construções mais procedurais apresentam menor grau de composicionalidade (e, não raro, maior vinculação entre os elementos) e aumento de esquematicidade. Nesse sentido, a inserção de um novo padrão sintático para as construções transitivas acarreta a expansão do esquema, que passa a aceitar novas formas em seu inventário.

2. Análise de dados

Nesta seção, descrevemos a expansão da rede das construções transitivas causativas no português brasileiro, a partir da análise dos seguintes verbos inacusativos de processo material de transformação: *cessar* e *explodir*. Em virtude da extensão deste tópico, dividimo-lo em três subseções. Em 2.1., tratamos das diferentes construções que instanciam o padrão *verbo (originalmente inacusativo) + preposição com*. Observamos que esse padrão se apresenta somente na construção inacusativa e na transitiva causativa. Em 2.2., falamos das propriedades da forma e do significado da construção inacusativa e da transitiva causativa, assim como dos fatores de construcionalidade. Em 2.3., apresentamos os dados de *cessar* e *explodir*, e, por fim, apresentamos uma proposta para a formalização da rede para as construções transitivas causativas já analisadas no português brasileiro. Todos os dados analisados foram extraídos de dados sincrônicos do *Corpus do Português* (DAVIES e FERREIRA, 2014).

2.1. As construções que instanciam o padrão *verbo + com*

No *Corpus do Português*, observamos que todas as ocorrências de verbo (originalmente

inacusativo) seguido da preposição *com* instanciam ora a construção inacusativa, ora a construção transitiva causativa. Portanto, essas são as duas únicas construções de estrutura argumental que nos interessam aqui, muito embora, no padrão inacusativo, *com* inicie termos de diferentes funções sintáticas e diferentes valores semânticos, como veremos mais à frente.

Nesse momento, observemos duas ocorrências das construções inacusativas com os verbos *cessar* e *explodir*:

(03) Com o tempo, aparecerão escritos mais consistentes que poderão ser analisados de acordo com o bom senso. Há casos em que o espírito desenha rabiscos sem sentido ou escrevem palavras sem qualquer significado, porém, *tais coisas costumam cessar com o desenvolvimento progressivo da faculdade*.

<http://marifuxico.blogspot.com/2009/12/espíritos-falam-com-mortais-pelas-maos.html>

(04) FOGO: governam pessoas e demonstram muita segurança e poder de decisão. *São emocionalmente instáveis, podendo explodir com relativa facilidade, revelando um temperamento colérico e inflamado*.

<http://www.mistico.com/p/chines/>

Nas duas ocorrências acima, os verbos *cessar* e *explodir* apresentam um sujeito de papel paciente: *tais coisas*, em (03); *pessoas*, em (04). Paralelamente, os verbos são seguidos da preposição *com*, a que podemos atribuir diferentes valores semânticos, a saber: um adjunto adverbial de causa ou meio, em *com o desenvolvimento progressivo da faculdade* (03); um adjunto adverbial de modo, em *com relativa facilidade* (04). Portanto, podemos observar que, na construção inacusativa, *com* pode apresentar adjuntos adverbiais de diferentes valores semânticos, sendo fixos da estrutura apenas o verbo inacusativo e o sujeito de papel paciente: [X_{paciente} V].

Agora, vejamos ocorrências em que *cessar* e *explodir* instanciam pela construção transitiva causativa:

(05) Infelizmente, isto se pratica não só por pessoas ativistas veganas, mas também por instituições e grupos de ativismo. É o dever destes grupos e destas pessoas ativistas, principal e sumariamente, inclusive das veganarquistas, *o de cessar com tais violências*.

<http://antigo.incandescencia.org/post/42105545112>

(06) Uau Matilda! Arrasou! Concordo com tudo o que vc escreveu, bastante empolgada, mas, com toda a razão! *Fico também prestes a explodir com essas figuras* querendo me doutrinar a qualquer custo.

<http://cronai.wordpress.com/2013/01/28/prontofalei/>

Nos dois exemplos, temos ocorrências da construção transitiva causativa. Em (05), o verbo

cessar seleciona um sujeito agente (*os veganarquistas*) e um objeto afetado (*tais violências*). Ademais, observamos que, a despeito da mudança de transitividade, o verbo mantém seu sentido básico, de modo análogo ao que ocorre com *desaparecer* e *sumir* e com grande parte das ocorrências de *acabar*. Em (06), há um sujeito agente não explícito (eu) e o objeto afetado é o termo *com essas figuras*.

2.2. As propriedades da construção transitiva causativa e seus fatores de construcionalidade

Para Croft (2001), uma construção se caracteriza como um pareamento de forma-significado, cujos polos apresentam diferentes propriedades. Na Figura 3, a representação apresenta alguns aspectos da forma e do significado da construção em análise:

Figura 3. Representação das construções inacusativa e transitiva causativa e de suas propriedades.

Construção inacusativa → [X_{suj_pac} V _{Verbo_ação} COM $Y_{adj-adv_propriedade_causação}$]
Construção transitiva causativa → [X_{suj_agt} V _{verbo_ação} .COM Y_{obj_pac}]

Fonte: elaboração própria.

Faz-se mister chamar atenção para o fato de que, para nossa análise, interessam as construções inacusativas cujos verbos sejam seguidos de um adjunto adverbial iniciado por *com*, cuja circunstância apresenta propriedade semântica de causação. Isso significa que não consideramos ocorrências de verbos inacusativos que estejam fora desse padrão sintático na formação da construção transitiva causativa. Conforme argumentamos em trabalhos anteriores (LOPES, 2015; 2017; LOPES e MENEZES, 2018), sustentamos a hipótese de que a construção transitiva causativa emergiu no sistema do português brasileiro por meio da neoanálise desse tipo de construção inacusativa. Portanto, entendemos que a produtividade da construção transitiva causativa esteja, pelo menos inicialmente, associada à produtividade da construção inacusativa em que há um adjunto adverbial iniciado por *com* com propriedade de causação imediatamente após o verbo.

Na Figura 3, observamos que a construção inacusativa investigada por nós se caracteriza pelo seguinte alinhamento de papéis sintáticos e semânticos: no plano sintático, apresenta um sujeito, um verbo e um adjunto adverbial iniciado por *com*; no plano semântico: um termo paciente na função de sujeito, um verbo de ação e um termo de valor causativo na função de adjunto adverbial. A construção transitiva causativa, por sua vez, apresenta: no plano sintático: um sujeito, um verbo e um objeto; no plano semântico: um termo de papel agente na função de sujeito, um verbo de ação e um termo afetado na função de objeto.

Paralelamente, além das propriedades sintáticas e semânticas, pesam também na distinção das construções inacusativa e transitiva causativa os três fatores de construcionalidade: composicionalidade,

esquematicidade e produtividade. No que se refere à composicionalidade, observamos que a construção inacusativa é mais composicional que a construção transitiva causativa. Nesta última, a preposição é dessemantizada, empregada apenas por uma servidão gramatical, historicamente motivada. Ou seja, tendo se originado a construção transitiva causativa de uma reinterpretação da construção inacusativa, o *com* se mantém na construção, muito embora não apresente mais valores semânticos. Outra característica advinda da diminuição da composicionalidade é a elevada vinculação existente entre verbo e preposição. Vale ressaltar que analisamos no *corpus* 200 ocorrências em que a preposição *com* se situa em outra posição (anteposta ou posposta ao verbo, com termos intervenientes), e nenhuma delas instanciava uma construção transitiva causativa. Ou seja, na construção transitiva causativa, os objetos vêm imediatamente após o verbo. Inclusive, há ocorrências em que a topicalização do objeto parece implicar a instanciação de uma outra construção, como vemos a seguir:

(07a) A morte marca o fim da personalidade física, faz cessar conseqüentemente a personalidade jurídica, sendo assim o homem compreendido em suas funções desaparece no momento de sua morte. Dessa forma, *a morte irá cessar com a personalidade jurídica* que o acompanhou durante a vida, enquanto ser autônomo de imputação de normas jurídicas.

<http://dadospessoais.net/2007/03/>

(07b) *Com a personalidade jurídica, a morte irá cessar.*

Em (07a), temos uma ocorrência da construção transitiva causativa, sendo *a morte* um sujeito de caráter + agentivo e *com a personalidade jurídica* o objeto afetado. Em (07b), deslocamos o objeto. A impressão que temos é que a inversão favorece a instanciação de uma construção inacusativa, e não transitiva causativa. Paralelamente, há diversos casos, no *corpus*, em que a mudança de posição do objeto, muito embora não instancie outra construção, soa-nos artificial, como observamos em (08b):

(08a) Nesta quarta-feira, um alto diplomata de Cartum advertiu que *seu governo usará todos os meios para acabar com a agressão.*

<http://2012umnovodespertar.blogspot.com/2012/04/situacao-explosiva-entre-os-dois-sudoes.html>

(08b) *Seu governo usará todos os meios para, com a agressão, acabar.*

Vale frisar que esse procedimento não funciona com todos os dados. Há, de fato, ocorrências em que a inversão soa natural, como observamos em (09):

(09a) Não estou sentindo nenhuma culpa por estar sendo amante dele. Não consigo viver sem o meu marido atual, *não penso em acabar com o meu casamento*, mas tenho medo de ele descobrir e não entender o meu sentimento pelo outro.

<http://3xtrinta.blogspot.com/2011/11/seu-dilema-e-possivel-amar-dois-ao.html>

(09b) *Com meu casamento, não penso em acabar.*

Muito embora a inversão soe natural com parte das ocorrências, como em (09b), defendemos que a forma é mais vinculada, na medida em que: a) de 200 ocorrências analisadas em que *com* se situa em outra posição, todas elas instanciavam a construção inacusativa, e não a transitiva causativa; b) nas construções inacusativas, o adjunto adverbial apresenta grande liberdade posicional, como podemos atestar no próprio *corpus*. Vejamos, por exemplo, as ocorrências (10) a (11), em que os adjuntos adverbiais de instrumento (*com esse hack*) e de meio (*com essa alternativa*) estão antepostos aos verbos, numa construção inacusativa:

(10) *Com esse hack as notícias vão aparecer*, assim como acontece com o meu blog.

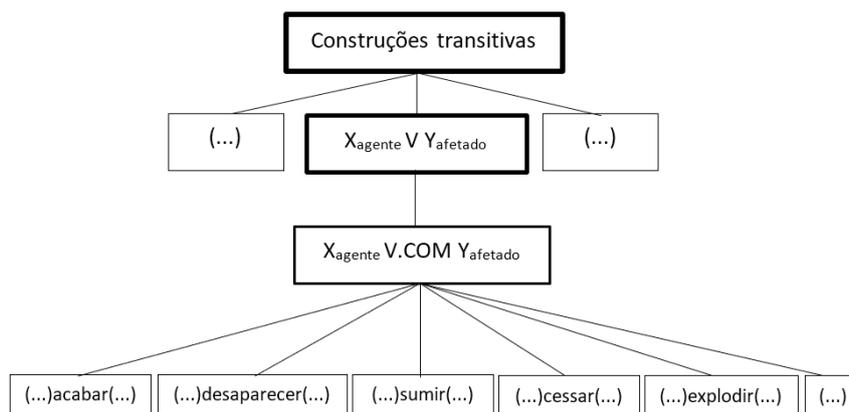
br.forums.wordpress.org

(11) Há números que comprovam que o aborto não faz tão bem psicologicamente para a mulher quanto algumas pessoas defendem, isso é muito questionável para se usar como base de algum argumento. Além do que *com essa alternativa poderia surgir atitudes ainda mais agressivas à mulher* como por ex coibir uma gravidez.

<http://amanditas.wordpress.com/2011/09/28/e-o-desejo-de-ser-mae-onde-fica/>

Em relação à esquematicidade, observamos os diferentes níveis de especificidade e esquematicidade da construção transitiva causativa. Cabe esclarecer que, uma vez que lidamos com uma construção de estrutura argumental, observamos apenas os subesquemas e esquemas, e não as microconstruções, uma vez que só são plenamente preenchidos (específicos) os constructos. Sob esse ponto de vista, a rede das construções transitivas causativas poderia ser representada conforme na Figura 4:

Figura 4. Representação parcial da rede das construções transitivas causativas.



Fonte: elaboração própria.

Na Figura 5, a construção mais esquemática, no topo, tem forma não especificada. Abaixo desse

nível, temos uma representação da construção transitiva em que há um sujeito agente, um verbo de ação e um objeto afetado, abaixo desta, a construção transitiva causativa [X_{agente} V.COM Y_{afetado}], que se subdivide em diversos outros nós subordinados. Os outros elementos são *slots*, que apresentam restrição quanto à realização: um SN sujeito com papel temático de agente/causador, um verbo de ação originalmente inacusativo na posição do verbo e um SN objeto direto afetado (papel temático paciente). Como podemos verificar, além do *slot* da preposição, o do verbo também já está especificado.

Segundo Hilpert (2015), o aumento de esquematicidade ocorre na rede por meio da inserção de itens marginais. Por isso, entendemos que a emergência da construção transitiva causativa, por apresentar um padrão morfossintático inesperado para um objeto afetado pela ação do verbo (a presença de preposição), acarreta aumento de esquematicidade, ao ampliar os *types* de realização em níveis superiores da rede. Esse aumento de esquematicidade, fruto da expansão da rede das construções transitivas, está representado na Figura 4, por meio da espessura das caixas.

Por fim, no que tange à produtividade, consideramos a frequência *type* e *token* tanto das construções inacusativas quanto das construções transitivas causativas. Observemos o Quadro 2 a seguir:

Quadro 2. Frequência *type* e *token* dos diferentes padrões verbo seguido de com.

	Acabar	Sumir	Cessar	Explodir	Desaparecer
1. Transitivas causativas	82	84	48	35	24
Inacusativas					
2. Com Propriedade de causação	6	05	39	51	35
3. Sem propriedade de causação – sujeito paciente.	12	11	13	14	41
Total	100	100	100	100	100

Fonte: elaboração própria.

Analisamos as 100 primeiras ocorrências do verbo seguido da preposição *com* no *Corpus do Português* (Gráfico 1), dividindo-as, num primeiro momento, em três diferentes *types*: 1) Construção transitiva causativa; 2) construção inacusativa com a preposição *com* encabeçando um adjunto adverbial com propriedade semântica de causação; 3) construção inacusativa com a preposição

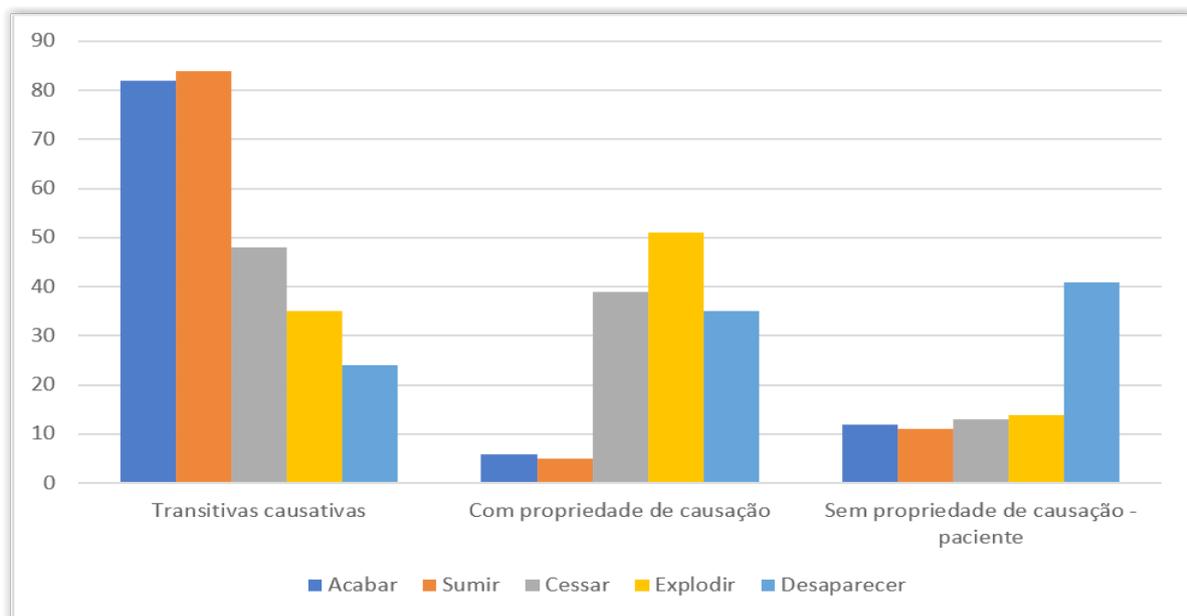
com encabeçando um adjunto adverbial sem propriedade semântica de causação. Posteriormente, distribuimos as ocorrências encontradas nesses *types* para cada verbo analisado.

Em se tratando das construções inacusativas e transitivas causativas que recrutam os verbos *acabar* e *sumir*, observamos, de um lado, uma elevada frequência *token* das construções transitivas causativas (82 e 84 ocorrências, respectivamente); de outro, uma baixíssima frequência *token* da construção inacusativa com adjunto adverbial com propriedade semântica de causação (06 e 05 ocorrências, respectivamente).

Por sua vez, observamos, nas construções que instanciam os verbos *cessar* e *explodir*, uma frequência *token* mais alta das construções do tipo 1 (48 e 35 ocorrências, respectivamente) e 2 (39 e 51 ocorrências, respectivamente), ao passo que apresenta uma baixa frequência das construções do tipo 3 (13 e 14 ocorrências, respectivamente).

Por fim, em se tratando do verbo *desaparecer*, observamos uma baixa frequência *token* das construções do tipo 1, e uma elevada frequência *token* das construções do tipo 2 e 3.

Gráfico 1. Frequência *type* e *token* das construções inacusativas e transitivas causativas.



Fonte: elaboração própria

2.3. Análise das construções transitivas causativas

Nesta subseção, observamos detidamente as construções transitivas causativas que com os verbos *cessar* e *explodir*.

2.3.1. [X_{agente} CESSAR.COM Y_{afetado}]

O verbo *cessar*; originalmente inacusativo (X_{paciente} CESSAR), cujos sentidos denotativos são, segundo o dicionário Aurélio (2003), *interromper*, *suspender*, *acabar*, *concluir*, *descontinuar*, etc., também instancia construções transitivas diretas; como podemos observar em (12) e (13):

(12) Qin declarou que o grupo de Dalai deve perceber a situação, abandonar as intenções da “independência tibetana” com ações concretas e *cessar qualquer forma de atividade separatista*.

<http://br.china-embassy.org/por/fyrth/t389338.htm>

(13) Condições para a sua candidatura ser aceite. Este programa de arrendamento mais barato só está disponível para pessoas que cumpram os seguintes requisitos: ter uma taxa de esforço superior a 10% do rendimento disponível. Não ser proprietário, arrendatário ou titular de uma habitação no mesmo conselho. Caso tenha um imóvel arrendado, pode concorrer com a condição de *poder cessar o contrato atual em determinada data*, por motivos óbvios.

<http://casaseterrenos.com/mercado-social-de-arrendamento/>

Em (12), o sujeito de *cessar* é agente e está elíptico (o grupo de Dalai); seu objeto é a expressão *qualquer forma de atividade separatista*. De modo análogo, em (13), há um sujeito agente em elipse (você) e o objeto do verbo é *o contrato atual em determinada data*.

Ou seja, uma vez que já há, na língua, uma construção para a expressão desse verbo por meio da seleção de um sujeito agente e um objeto afetado, devemos nos questionar se tanto sua construção transitiva prototípica (SUJ VTD OD) quanto sua construção transitiva causativa apresentam exatamente a mesma função. Isto é, devemos verificar se uma diferença na forma acarreta uma diferença na função, como prevê o princípio da não sinonímia (GOLDBERG, 2006).

Nos dados levantados, observamos que *cessar*; na construção transitiva direta, seleciona como objeto direto um substantivo com ideia de resultado de um processo, a saber: *fogo*, *atividade*, *contrato*, *operação*, *serviço*, *sangramento*, *relacionamento*, *perseguição*, *guerras*, *ação*, *ataque*, *abusos*, *fluxo*, *luta*, *momento*, *venda*, *comunicação*, *exercício*, *impedimento*, *procura*, entre outros. Nesses casos, *cessar* apresenta um sentido mais próximo ao de *interromper*, na medida em que há um processo em andamento que é interrompido pela ação de um agente. É exatamente esse o sentido que encontramos em (72) e (73), em que *atividade* e *contrato*, termos que têm ideia processual, são suspensos por intermédio da ação de um agente.

Por sua vez, a construção transitiva causativa não apresenta esse tipo de restrição para o objeto, contendo nomes que veiculam processo em andamento (chegada, desenvolvimento, oração, canto, etc.) quanto outras que não contêm essa ideia (constituição, obrigatoriedade, demônio, entidades,

tipo, corpo, personalidade etc.). Observemos algumas ocorrências do *Corpus*:

(14) Efetivamente, não me recordo de ver carros articulados, agora, se não me falha a memória, ainda antes de 1997, altura em que deixei de andar regularmente pela zona, a 55 era feita com B10M da primeira geração. *Não sei precisar quando esse serviço começou e cessou com esse tipo de carros.*

<http://historiacfl.blogspot.com/2009/12/101-o-expresso-de-odivelas.html>

(15) A morte marca o fim da personalidade física, faz cessar conseqüentemente a personalidade jurídica, sendo assim o homem compreendido em suas funções desaparece no momento de sua morte. Dessa forma, *a morte irá cessar com a personalidade jurídica* que o acompanhou durante a vida, enquanto ser autônomo de imputação de normas jurídicas.

<http://dadospessoais.net/2007/03/>

(16) Como, então, a Humanidade poderia progredir, sem a preexistência e a reexistência da alma? Se as almas deixassem a Terra todos os dias, para não mais voltar, a Humanidade se renovaria *sem cessar com as entidades primitivas*, que teriam tudo a fazer e tudo a aprender.

<http://evangelhoespirita.wordpress.com/capitulos-1-a-27/cap-25-buscai-e-achareis/ajuda-te-e-o-ceu-te-ajudara/>

Em (14), o objeto de cessar é *esse tipo de carros*. Trata-se de um nome que não tem ideia de processo, como os vistos acima na construção transitiva direta, muito embora atribuamos uma ideia de processo temporal à ocorrência, em virtude do próprio verbo *cessar*. Ou seja, entendemos nesse dado que as pessoas pretendem dizer que pararam a produção desse tipo de carro. Em (15) e (16), *a personalidade jurídica* e *as entidades primitivas* também não são termos que têm ideia imanente de processo. Também associamos essa ideia em virtude do verbo, que evoca a ideia de que a existência da personalidade jurídica e das entidades primitivas é interrompida. Logo, observamos que a construção transitiva causativa com *cessar*, em comparação a construção transitiva direta, apresenta menos restrições e, por isso, representa uma expansão dos usos canônicos de *cessar* como verbo transitivo direto.

Vale ressaltar que *cessar* e *acabar* são verbos que apresentam um sentido muito próximo⁵, de modo que, em grande parte das ocorrências, são intercambiáveis. Não obstante, enquanto *acabar* pode assumir sentido mais subjetivo e metafórico na construção transitiva causativa (como, por exemplo, na expressão *o trabalho hoje acabou comigo*, em que a pessoa não foi efetivamente extinta), *cessar* sempre resulta na interrupção literal de uma entidade ou atividade, como podemos depreender nos exemplos de (14) a (16).

5 Próximo, mas não idêntico, já que *cessar* implica, em princípio, apenas a suspensão de uma força que estava em andamento, enquanto *acabar* pode implicar o emprego de uma força superior para interromper uma outra.

2.3.2. [X_{agente} EXPLODIR.COM Y_{afetado}]

Assim como *acabar* e *cessar*, *explodir* é um verbo originalmente inacusativo que é instanciado pela construção transitiva direta.

(17) A polícia procura uma quadrilha armada que invadiu uma fábrica e *explodiu um caixa eletrônico* hoje de madrugada em Fazenda Rio Grande. O grupo rendeu um dos vigilantes e levou todo o dinheiro do local.

<http://bandnewsfmc Curitiba.com/2013/08/15/policia-procura-quadrilha-que-invadiu-uma-fabrica-e-explodiu-caixa-eletronico-na-rmc/>

(18) Taylor Lautner Sylvester Stallone veio ao Brasil rodar mercenários em 2009. Até aí, tudo bem, foi bem recebido por uma legião de fãs. Quando voltou para os EUA, na coletiva de imprensa ele fez comentários super maldosos a respeito do Brasil, dizendo, em tom de piada: “Lá, você pode atirar em pessoas, *explodir coisas e eles dizem ‘obrigado’!* E aqui está um macaco para você levar para casa”.

http://www.folhados.com/site/pagina_interna.asp?nID=25415&tp=1

(19) Os raios ômega continuam tão devastadores quanto antes... travando em seus alvos e perseguindo-os até que os atinja em cheio. *Ele brinca de explodir aviões e pessoas*, para desespero do Flash, o primeiro a se levantar depois do ataque inicial.

<http://osantuario.com/2012/02/03/nova-liga-da-justica-superman-assassino-e-batman-desmascarado-nada-mais-e-sagrado/>

Nos exemplos acima, *explodir* apresenta-se em seu sentido mais básico, relacionado às situações que envolvem o emprego de armas químicas que, ao serem detonadas, extinguem seu alvo. Cabe frisar que as ocorrências transitivas diretas de *explodir* analisadas no *Corpus do Português* (50, ao todo) apresentavam sempre esse sentido (*explodir prédios, bancos, casas, pontes, etc.*). A construção inacusativa [X_{paciente} V], por sua vez, apresenta tanto ocorrências em que se observa esse sentido básico de *explodir* quanto sentidos mais metafóricos. Vejamos duas ocorrências:

(20) Ao descrever a primeira experiência do lançamento da bomba-atômica, o Departamento da Guerra informou que a torre de aço de onde foi lançada a bomba se fundiu, tendo subido à estratosfera uma gigantesca nuvem escura. No momento em que *a bomba explodiu*, um relâmpago mais brilhante do que a luz do dia iluminou toda a zona atingida.

http://almanaque.folha.uol.com.br/mundo_07ago1945.htm

(21) Adequou-se diante da necessidade dos clientes e detectou as suas maiores necessidades e assim, foi criado o seu primeiro sistema operacional que tinha como maior característica a facilidade no manuseio. *O sucesso explodiu* e a Apple se firmou no mercado como uma das maiores instituições do mundo.

<http://www.implantandomarketing.com/mais-que-vender-o-produto-temos-que-conquistar-o-mercado/>

Em (20), *bomba* é um termo concreto, mais especificamente, uma arma química passível de ser detonada e, por isso, representa o uso mais básico de *explodir*. Em (21), por seu turno, *sucesso* é um termo abstrato, que, por conseguinte, implica um uso mais abstrato desse verbo. Nessa ocorrência, evidencia-se que o verbo passou por expansão em seus contextos de uso, podendo ser empregado com sentidos metafóricos. Nesse sentido, dizer *o sucesso explodiu* significa afirmar que a empresa obteve um sucesso muito acima do esperado. Esse efeito de sentido é promovido por *explodir*, por se tratar de um verbo que envolve a movimentação de uma grande quantidade de energia.

Na construção transitiva causativa, *explodir* pode apresentar tanto seu sentido mais básico quanto com seu sentido mais abstrato. Portanto, muito embora tanto a construção transitiva direta quanto a construção transitiva causativa envolvam a transferência de energia de um agente para um paciente (um termo afetado), elas não são construções sinônimas, na medida em que apresentam diferentes possibilidades de significação. Observemos, abaixo, esses diferentes usos da construção transitiva causativa:

(22) O 3º filme do Planeta dos Macacos ou (SPOILERS): Como fazer uma sequela depois de matar todas as personagens e *explodir com o planeta no filme anterior*? Este filme é tramado... Se um segundo filme não estava pensado quando se rodou o primeiro, então, visto o final de *Beneath the Planet of the Apes*, é que este terceiro não podia estar mesmo previsto.

<http://depoisdocinema.blogspot.com/2013/05/escape-from-planet-of-apes-1971.html>

(23) – Ele segue o código ninjutsu. Para ele, justiça é mais importante do que vingança. Seja qual for o plano, ele acha que está a fazer a coisa certa. Isso ainda não explica a bomba.

– Tem razão – disse a cota, enquanto trazia umas tigelas de *mutlutlu* da cozinha. – Não faz sentido despejar-nos daqui e depois *explodir com o bairro*.

<http://jorgedeamizade.com/historias-mal-contadas/o-misterioso-js/o-misterioso-js-a-perseguaao-2/>

(24) O assunto rompimento com o governo Dilma e entrega dos cargos do partido vem irritando profundamente o governador Eduardo Campos, principalmente pela veiculação diária na mídia. Em entrevista no final da semana passada, o governador chegou a *explodir com os jornalistas* quando tais assuntos basearam as perguntas.

<http://lagoagrandeemacao.blogspot.com/>

(25) Conte até 100 antes de *explodir com os outros*, pois por estarmos mais propensos a desconsiderar os sentimentos dos outros, podemos causar muitas mágoas e ressentimentos.

<http://astrologiaeradaequario.blogspot.com/2013/02/horoscopo-da-semana-de-04-10-de.html>

Em (22) e (23), *explodir* apresenta um sentido mais concreto, na medida em que *o planeta* (22)

e o bairro (23) são destruídos por meio da ação de armamentos. Em (24) e (25), por sua vez, temos sentidos mais metafóricos para a construção transitiva causativa. Em (24) e (25), *explodir* pode ser entendido como *revoltar-se*, *irritar-se*. Nessas duas ocorrências, portanto, os objetos *jornalistas* e *os outros* não são efetivamente extintos por meio da ação do verbo. A provável motivação no emprego desse verbo é a de demonstrar que a desavença e/ou irritação atingiu o seu grau máximo, provocando a liberação de uma grande quantidade de energia. Verificamos que a maior parte das ocorrências das construções transitivas causativas são deste último tipo.

Quadro 3. Diferentes usos da construção transitiva causativa de *explodir*

Usos mais concretos	Usos mais abstratos
07 ocorrências	28 ocorrências

Fonte: elaboração própria.

Como podemos observar no Quadro 3, das 35 ocorrências transitivas analisadas, 28 são dos usos mais abstratos. Pensamos que esses resultados são favoráveis ao princípio da não sinonímia. Ou seja, não teríamos duas construções sinônimas, na medida em que uma delas (a transitiva causativa) possibilita a veiculação de sentidos mais metafóricos.

Nos dados analisados, *explodir*, em seus usos mais abstratos, apresenta os seguintes sentidos: *irritar-se/revoltar-se/insurgir-se* (28 ocorrências); *acabar*, *extinguir* (2 ocorrências); *alterar* (1 ocorrência). Além desses, encontramos duas ocorrências em que há, no nosso ponto de vista, um idiomatismo. Vejamos alguns exemplos abaixo:

- Revoltar-se/irritar-se/insurgir-se:

(26) No mais, por que não deveríamos admirar e trazer para perto a experiência e o pensamento de Paulo Leminsky, se ele nos ensinou tanto, se ele era sim um amente de Curitiba, se ele elevou o nome desta cidade, se sua luta foi *explodir com toda a babaquice* de nos considerarmos província?

<http://consumodecultura.blogspot.com/2013/03/a-gente-nao-ta-de-brincadeira-guilherme.html>

- Alterar:

(27) As energias baterão certo e haverá imensa harmonia. Para as famílias univértice, isto é, que ainda acham que sabem qual dos lados é melhor (mal sabem elas que todos os lados se complementam) irão nascer umas crianças bomba. Prontas *a explodir com as mais elementares regras de comportamento*. É que até as mais elementares regras estão a mudar. E vocês têm que mudar com elas.

<http://www.lacquaproject.net/front/index.php?page=as-criancas-indigo>

(28) Escute, meu chapa, um poeta não se faz com versos. É o risco, é estar sempre a perigo, sem medo, é inventar o perigo e estar sempre recriando dificuldades pelo menos maiores, é destruir a linguagem e *explodir com ela*. Nada no bolso e nas mãos.

<http://www.mundomundano.com.br/torquato-neto-um-poeta-nao-se-faz-com-versos/>

- “Explodir com a cabeça” – idiomatismo

(29) É ótimo filmá-las. Podemos filmar das maneiras mais loucas possível e encher de informação – pessoas e *walkers*. E é louco ver tantos juntos. A quantidade de trabalho que Greg e aquelas pessoas tiveram para fazer *essa temporada é simplesmente de explodir com a cabeça de qualquer um*.

<http://walkingdeadbr.com/category/amc/>

Em (26), *explodir* apresenta um sentido próximo a *insurgir-se*. Observamos no dado que se trata de uma ação que envolve uma grande quantidade de força, movida para a ação, e não um tipo de revolta que se manifesta apenas internamente. Em (27) e (28), por seu turno, inferimos que nem *as regras de comportamento* nem *a linguagem* deixam de existir por meio da ação de *explodir*, mas têm suas propriedades internas profundamente alteradas. Por fim, em (29), percebemos a atuação da metáfora, por meio da extensão imagética. Ao idiomatismo *explodir com a cabeça* (idiomatismo porque é uma expressão não composicional), associamos a ideia de que a cabeça é um compartimento fechado, de espaço limitado que permite apenas uma quantidade X de informações. Nesse sentido, a expressão é empregada para significar que a temporada da série trará ideias novas, diferentes daquelas que já estão acomodadas na mente, levando-nos a refletir sobre nossos pensamentos e crenças.

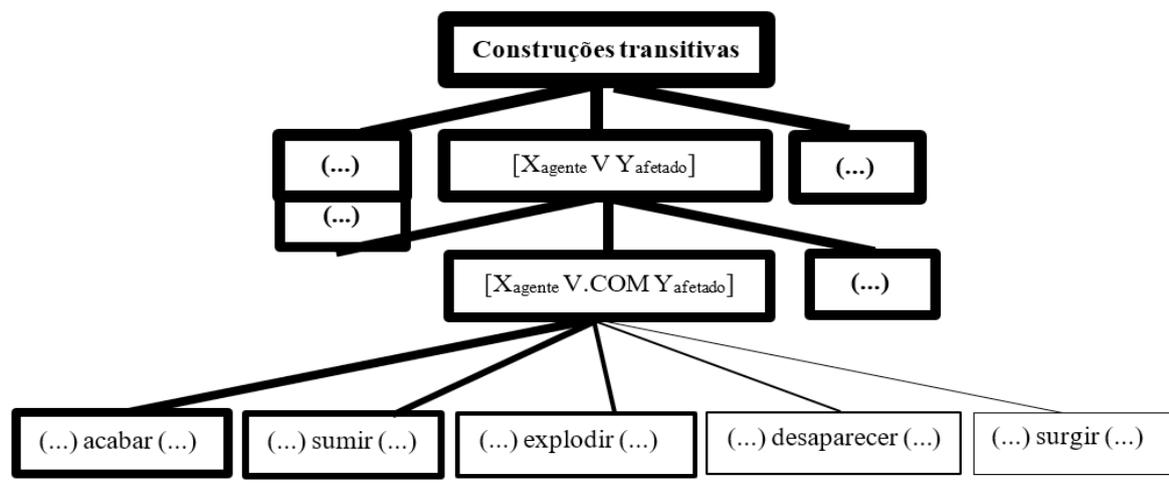
Por fim, faz-se mister chamar a atenção para o fato de que, a despeito dos diferentes usos de *explodir*, observamos em todas as construções e ocorrências instanciadas pelo verbo uma propriedade semântica comum, que pode ser explicitada, no nosso ponto de vista, como uma **mudança promovida por uma grande quantidade de energia**. Sob esse ponto de vista, argumentamos que, a despeito da abstratização do sentido, há a persistência (HOPPER, 1991) dessa propriedade em todas as ocorrências de *explodir*.

4. Considerações finais

Em nosso estudo, pudemos observar que a construção transitiva causativa é bastante produtiva na rede das construções transitivas do Português Brasileiro. Paralelamente, verificamos que, a despeito das semelhanças de ordem semântica, a construção transitiva causativa e a construção transitiva canônica (ou prototípica) apresentam diferenças semânticas, conforme evidenciamos a partir das ocorrências com os verbos *acabar*, *cessar* e *explodir*, recrutados por ambas construções.

A partir dos dados sincrônicos analisados⁶, propomos uma formalização da rede das construções transitivas causativas investigadas (Figura 6). Uma vez que acreditamos que os membros mais prototípicos estão associados à frequência de uso, representamos essas informações por meio da espessura das caixas e linhas. Ou seja, quanto mais espessa a linha, maior é a frequência *type*. Desse modo, podemos verificar que, na rede, a frequência *type* das construções menos esquemáticas é indicada, da esquerda para a direita, em ordem decrescente. Por sua vez, quanto mais alta na hierarquia a construção (e, por isso, mais esquemática), mais produtiva ela é e, por conseguinte, mais ativada na rede de construções.

Figura 6. Representação da rede das construções transitivas causativas.



Fonte: elaboração própria.

REFERÊNCIAS

CROFT, William. *Radical Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, Maria Angélica Furtado; COSTA, Marcos Antônio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. *Linguística funcional*. Teoria e Prática. São Paulo: Parábola, 2015.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português – Web dialects*, 2014. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>

DIEWALD, Gabriele. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: Wischer, Ilse & Diewald, Gabriele (eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam / Philadelphia:

⁶ Vale lembrar que os dados sincrônicos de acabar, desaparecer e sumir foram investigados na seção 2 desta pesquisa. Por isso, constam na representação.

John Benjamins, 2002, p. 104-120.

GOLDBERG, Adele. *A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at Work*. The Nature of Generalization in Language. New York: Oxford University Press, 2006.

_____. Constructions: a new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Science*. Illinois, Vol. 7, no. 5, 2003, p. 219-223.

HALIDAY, Michael A. K. *An introduction to functional grammar*. New York: Edward Arnold, 1985.

HILPERT, Martin. *Construction grammar and its application to English*. Edimburgo: Edinburg Textbooks, 2014, 233p.

_____. From hand-carved to computer-based: Noun-participle compounding and the upward strengthening hypothesis. *Cognitive Linguistics*, Volume 26, Issue 1, 2015, p. 113-147.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C. & HEINE, B (eds). *Approaches to grammaticalization*. V.1. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991, p. 17-35.

LANGACKER, Ronald. *Cognitive Grammar*. New York: Oxford University Press, 2008.

LOPES, Monclar Guimarães. *Transitivização de desaparecer em perspectiva cognitivo-funcional*. Tese de doutorado. Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015, 178p.

_____. Transitivização de sumir e desaparecer no português do Brasil: um caso de construcionalização lexical. *Revista Entrepalavras*, Fortaleza, n. 4., v. 7, 2017, 18p. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/729>.

LOPES, Monclar Guimarães; MENEZES, Vanda Maria Cardozo. A formação do sub-esquema argumental causativo no português brasileiro. *Revista Confluência*. Rio de Janeiro, n. 54., v.1, 2018, 23 p. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/213>.

PIETRANDREA, Paola. *Epistemic Modality: functional properties and the Italian system*. Amsterdam, John Benjamins, 2005..

ROSÁRIO, Ivo da Costa; LOPES, Monclar Guimarães. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. *Revista Soletas*. Rio de Janeiro: n. 37, v.1, 2019, 20p. Disponível em: <http://e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletas/article/view;36318/29209>

ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Revista Alfa*, São Paulo, nº 60, v. 2, 2016, 28p. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>

ROSENBAACH, Anette. How synchronic gradience makes sense in the light of language change (and *vice versa*). In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUDALE, Graeme (Eds.). *Gradience, gradualness and grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010, p. 149-180.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUDALE, Graeme. *Constructionalization and Construcional Changes*. Oxford, Oxford University Press, 2013.

_____. Gradience, gradualness and grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUDALE, Graeme (Eds.). *Gradience, gradualness and grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010, p. 19-44.

_____. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: Regine Eckardt, Gerhardt Jäger, and Tonjes Veenstra (eds.). *Variation, Selection, Development – Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008, p. 219-250.